

EXERCÍCIO DE “HISTÓRIA LOCAL”: UMA SAGA INCRUSTADA NA TRAJETÓRIA MOVELEIRA DO PLANALTO NORTE CATARINENSE

Hoyêdo Nunes Lins (UFSC – E-mail: hnlins@cse.ufsc.br)

Gustavo Rugoni de Sousa (UFSC – E-mail: gustavorugoni@gmail.com)

Área Temática 4: História Econômica e Social

“Presente e passado iluminam-se com luz recíproca.” (Fernand Braudel)¹

Resumo

No planalto norte de Santa Catarina, em área que corresponde ao atual município de Rio Negrinho – integrante de um importante aglomerado de produtores de móveis que inclui São Bento do Sul e Campo Alegre –, a história local e regional se entrelaça com as histórias do setor moveleiro e do empreendimento que nas suas décadas áureas atendeu pelo nome de Móveis CIMO S/A. Após uma breve abordagem sobre o destaque desse aglomerado na indústria brasileira de móveis, o artigo narra o percurso cumprido pela referida iniciativa empresarial. Suas várias fases, consubstanciadas em razões sociais que espelharam composições societárias particulares, são apresentadas e descritas. Realce especial é dado às inovações de produto e de processo produtivo, destacando-se o pioneirismo em termos de produção seriada e o tipo de solução adotado para problema que se revelou desafiador quando o perfil moveleiro do empreendimento logrou consolidar-se. Os avanços obtidos sustentaram a forte presença no mercado dos respectivos produtos durante muitos anos. Também se acentua o papel da empresa como espécie de precursora no processo de constituição daquela aglomeração moveleira e, da mesma forma, como “criadora” de espaço no planalto norte, já que sua presença parece ter sido fundamental para o próprio surgimento do município de Rio Negrinho. A decretação da sua falência, em 1982, após percurso quase secular que ao final foi marcado por importante crise, é apontada como praticamente o fim de uma era na produção de móveis no planalto norte catarinense.

Palavras-chave: Indústria moveleira; Planalto norte catarinense; Trajetória da Móveis CIMO

Introdução

Não é raro, antes o contrário, que trajetórias locais ou regionais se apresentem entrelaçadas com percursos territorialmente enraizados de setores produtivos e/ou de empresas. Diferentes países e períodos permitem observar esse tipo de inter-relação. Obras de referência sobre a história do capitalismo, como as de Braudel (1997, 1998a, b) e de

¹ In: Braudel (1992a), p. 57.

Wallerstein (1979, 1984, 1998), costumam exibir numerosas indicações a respeito, associadas a contextos variados.

O presente estudo, concebido no campo da história, debruça-se sobre uma região, um setor e uma empresa específicos. Apresenta-se, assim, em certo sentido, como um exercício de “história local”; poder-se-ia também dizer “história regional”, nos termos apresentados por Barros (2005).

A região corresponde ao planalto norte do estado de Santa Catarina, ou melhor, a um segmento desse espaço catarinense setentrional. O setor é o moveleiro, destaque irrecusável em território no qual desponta São Bento do Sul, centro de gravidade de uma das mais importantes aglomerações de produtores de móveis de madeira do Brasil (especialmente por conta do desempenho exportador), também integrada por Rio Negrinho (privilegiada no trabalho por razões que ficarão evidentes) e Campo Alegre. A empresa é a Móveis Cimo S.A., razão social mais recente de ações empresariais encadeadas que, por motivo de falência, chegaram ao fim em 1982.

As contempladas interações entre a trajetória regional (ou local) e os percursos setorial e empresarial são exploradas pelo ângulo do papel desempenhado pela Móveis Cimo S.A.. Sua história e seu funcionamento autorizam considerá-la, pelo menos em escala regional, como empresa precursora, talvez “desbravadora”, no segmento industrial do qual fez parte. Por extensão, essa empresa parece representar um elemento muito importante do processo que desaguou na conformação do referido aglomerado moveleiro.

De fato, embora a literatura interessada no tema geralmente vincule o desabrochar dessa aglomeração a movimentos que adquiriram vulto principalmente nos anos 1970, a pesquisa histórica indica tendências em curso já no início do século XX. E não eram tendências quaisquer, visto que redundaram em iniciativa empresarial que simbolizaria o início da produção seriada de móveis no Brasil. Ora, essa história praticamente se confunde com a história da implicada área do norte catarinense.

A pesquisa que embasou o artigo envolveu, sobretudo, manuseio de documentos. Não poderia ser diferente, pois, a rigor, a história não representa outra coisa além do “[...] trabalho e a utilização de uma materialidade documental (livros, textos, narrações, registros, atas, edifícios, instituições, regulamentos, técnicas, objetos, costumes etc.) que apresenta [...] formas de permanências [...]” (FOUCAULT, 2007, p. 7-8). Ao pesquisador cabe, naturalmente, a tarefa de fazer os documentos se expressar. Mas não de qualquer maneira: “A realidade no estado bruto não é senão uma massa de observações por organizar.” (BRAUDEL, 1992b, p. 81).

Parte dos documentos utilizados foi obtida mediante pesquisa de campo em arquivos históricos. Foram também utilizadas fontes bibliográficas, inclusive na forma de trabalhos acadêmicos, assim como o recurso a acervos organizados por outros interessados na experiência de que se trata neste trabalho.

Parte-se da, por assim dizer, “região moveleira” constituída no norte de Santa Catarina. Essa abordagem é breve, todavia, pois o interesse maior é considerar a trajetória e o significado da Móveis Cimo S.A..

1 O planalto norte catarinense e a indústria moveleira

O grosso da produção de móveis no Brasil tem lugar num punhado de aglomerações moveleiras distribuídas nas regiões Sudeste – Ubá (MG), Mirassol (SP), Votuporanga (SP), Grande São Paulo (SP) – e Sul – Araçatuba (PR), Bento Gonçalves (RS) e São Bento do Sul (SC) (Figura 1). Trata-se, portanto, de indústria localizada notadamente no Centro-Sul do país, onde se concentravam, no período recente, mais ou menos 83% das empresas e 86% da mão de obra empregada (FERREIRA et al., 2008). São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina registram mais da metade tanto das empresas como do emprego e respondem por aproximadamente 80% das exportações. Cada área exibe singularidades, sobretudo quanto ao segmento de mercado atendido, em sintonia com a diversidade geográfica, econômica e cultural do país.

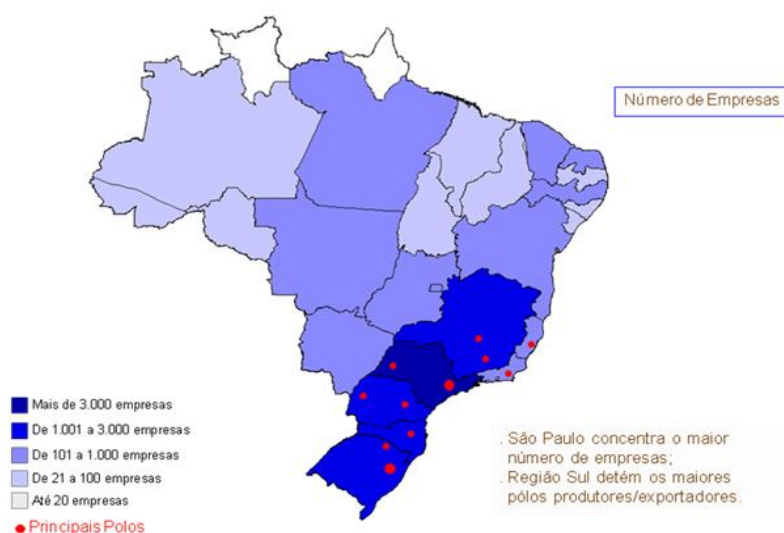


Figura 1 – Principais polos moveleiros brasileiros

Fonte: Emobile (2013)

Historicamente, Santa Catarina e Rio Grande do Sul possuem os aglomerados de melhor desempenho, organizados em torno de São Bento do Sul e Bento Gonçalves, respectivamente. Ambos produzem, na maior parte, móveis para residências, o primeiro fabricando sobretudo móveis torneados de madeira maciça, especialmente de pinus, e o segundo mais voltado para móveis retilíneos seriados (de madeira aglomerada, chapa dura e MDF). Também na região Sul do país, o aglomerado de Arapongas, desdobrado em mais de trinta cidades, produz principalmente móveis seriados para consumidores de menor renda. O estado de São Paulo lidera a produção de móveis de escritório, que ocorre na Grande São Paulo e nas aglomerações de Mirassol e Votuporanga, situadas no noroeste paulista (GORINI, 2000). Ubá, de sua parte, registra a maior empresa de móveis de aço da América Latina, mas conta notadamente com micro e pequenas empresas que fabricam móveis residenciais de madeira (FERREIRA et al., 2008).

A aglomeração centrada em São Bento do Sul, no planalto norte catarinense (Figura 2), constitui-se na maior exportadora de móveis do Brasil, com elevados níveis de participação nessas vendas externas ao longo do tempo no país. Ao final dos anos 2000, aproximadamente 290 empresas participavam da produção moveleira nos municípios de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre (SEABRA et al., 2008). Essa indústria apresenta destaque absoluto na região no tocante à geração direta e indireta de emprego e renda. A organização produtiva implica divisão técnica do trabalho entre empresas, com especialização de vários fabricantes de menor porte em atividades específicas (fabricação de peças e componentes, serviços como lixação), e o tecido institucional é composto por vários tipos de instituições em atividades de representação/coordenação e de ensino e pesquisa.

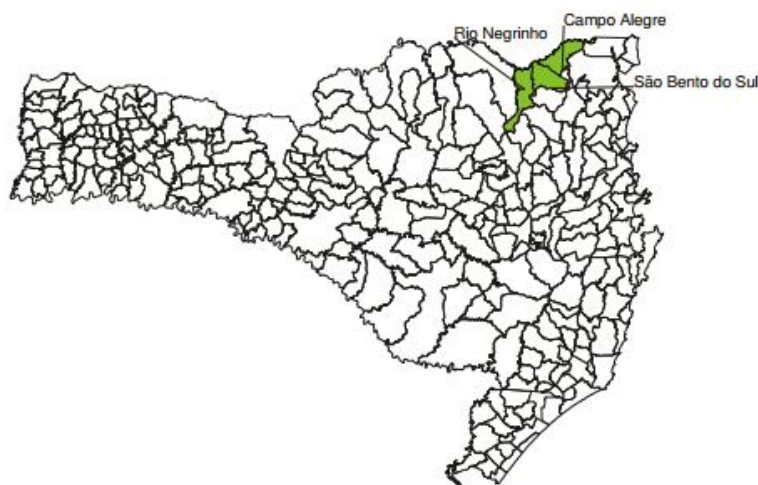


Figura 2 – Desdobramento do aglomerado moveleiro no planalto norte catarinense

Fonte: Seabra et al. (2008)

Produzidos com base em conhecimentos adquiridos e acumulados durante décadas, em processo que representa solidificação de competências e avanços na competitividade (MEYER, 2004), os móveis locais têm como matéria prima básica a madeira maciça de pinus reflorestado e se destinam notadamente, como já assinalado, ao uso residencial (em cozinhas, dormitórios, salas, escritórios). Fração bastante elevada da produção é dirigida a mercados externos, para o que se revelam essenciais vínculos que incluem o envolvimento de agentes de exportação capazes de captar encomendas de clientes estrangeiros (comerciantes que vendem nos Estados Unidos e em países europeus) e repassá-las aos fabricantes do aglomerado (COMERLATTO, LINS, 2008; DENK, 2000).

A conjuntura nacional dos anos 1970, com dinamização da construção civil, estimulou a indústria moveleira de um modo geral e repercutiu no planalto norte catarinense em números de empresas e de empregos. Foi a partir de então que as exportações ganharam envergadura, na esteira das melhorias em qualidade. Nos 1980, o quadro de crise econômica forçou a reestruturação das empresas e a exploração mais intensa de mercados externos, no que os já mencionados agentes de exportação contribuíram decisivamente (LANZER, CASAROTTTO FILHO, CUNHA, 1998). A abertura comercial dos 1990 representou aumento das importações de máquinas e equipamentos, nutrindo modernização produtiva que favoreceu a inserção/consolidação dos produtos locais em mercados estrangeiros.

Mas as últimas quatro décadas não representam senão período de fortalecimento de uma trajetória, com reafirmação de resultados, iniciada muito tempo antes, talvez no final do século XIX, embora inegavelmente com maior vigor só a partir do início do século seguinte. Atividades de imigrantes europeus (alemães na maioria, mas também de outras nacionalidades, como a polonesa) ou de seus descendentes representaram os passos iniciais, no marco do artesanato e do aproveitamento dos resíduos de madeiras como imbuia e araucária, sendo o destino o consumo local. De fato, já em 1899, segundo Ficker (1973), a área de São Bento possuía “[...] 12 marcenarias com apreciável produção de móveis [...]” (p. 366). Na primeira década do novo século, essas pequenas marcenarias passaram a ganhar em dimensão, sob o estímulo de melhoramentos na infraestrutura de transportes que permitiram vendas fora da região (KAESEMODEL, 1990).

A produção seriada de móveis, cujas primeiras experiências em escala de país foram observadas no transcorrer da I Guerra Mundial (1914-18), passou a ocupar espaço cada vez maior, substituindo a produção artesanal em escala de país. O advento da produção em série constituiu, todavia, acontecimento registrado em primeiro lugar, ao que parece, no planalto norte catarinense. Na segunda metade do século, a intensificação do crescimento industrial no

país e, em relação com tal processo, o avanço da urbanização representaram expansão da demanda por móveis e, como decorrência, impulso à produção do setor.

2 Primeiros anos de uma trajetória setorial e regional

Primeiro balizamento da narrativa que se segue: pelo menos nos anos 1960 e 1970, quem frequentou salas de cinema ou sentou em bancos escolares em Santa Catarina, ou mesmo se interessou, por exemplo, por móveis para escritórios, certamente observou no mobiliário a recorrência da marca Móveis CIMO. Segundo balizamento: em pesquisa de campo para elaborar dissertação de mestrado sobre o desenvolvimento da indústria moveleira em Rio Negrinho, um dos municípios do aglomerado de fabricação de móveis do planalto norte catarinense, Heyse (2009) registrou, nas entrevistas realizadas, o seguinte depoimento de uma empresária da área de móveis e decorações: “[...] todos aprenderam na CIMO. A região [...] é moveleira por ter nascido aqui a Móveis CIMO [...]” (p. 96).

No exercício de “história local” contemplado neste estudo, tendo em vista o interesse da pesquisa que lhe serviu de substrato, observações como as do parágrafo anterior representam, na opinião dos autores deste artigo, um cristalino indicativo: a denominação Móveis CIMO merece ser objeto privilegiado de atenção.

De partida, faz-se necessária uma indicação sobre escolha metodológica. Em aula inaugural no *Collège de France* em dezembro de 1950, tratando das “posições da história”, Fernand Braudel assinalou que “Não há jamais, na realidade viva, indivíduo encerrado em si mesmo; todas as aventuras individuais se fundem numa realidade mais complexa, a do social [...]” (BRAUDEL, 1992c, p. 23). Mas o grande autor não deixou de consignar: “Não negamos [...] a realidade dos eventos ou o papel dos indivíduos, o que seria pueril.” (ibid.). Mais ainda: “O perigo de uma história social, todos nós o percebemos: esquecer, na contemplação dos movimentos profundos da vida dos homens, cada homem às voltas com sua própria vida, seu próprio destino; esquecer, negar talvez, o que cada indivíduo sempre tem de insubstituível.” (op cit., p. 35).

Sob o signo da cautela que tais “advertências” recomendam, inicia-se essa “história local” colocando em destaque um nome de família: Zipperer. Trata-se de referência a uma presença antiga no planalto norte catarinense. Nos registros dos primeiros imigrantes dirigidos à recém-criada Colônia Agrícola São Bento, em 1873, Ficker (1973) encontrou Anton Zipperer, Anton Zipperer Júnior, Georg Zipperer, Joseph Zipperer e Joseph Zipperer Júnior (cf. p. 51).

O destaque ao referido nome na narrativa aqui construída implica, antes de tudo, Jorge, filho do imigrante Joseph Zipperer. Nascido em 1879 na Colônia São Bento, Jorge Zipperer decide investir na atividade de uma serraria, o que realiza em sociedade com Willy Jung (natural da Alemanha e imigrado), com quem já possuía uma casa comercial. A serraria foi instalada em 1910 na localidade de Salto (onde viria a ser a cidade de Rio Negrinho posteriormente) e ganhou mais tarde a companhia de uma fábrica de caixas para acondicionar/transportar frutas cujas atividades tiveram início em 1914. Jung & Cia era a razão social, a primeira de uma série na história da Móveis CIMO, como se verá.

O empreendimento contava com maquinário a vapor, algo então pouco comum, e também um gerador. O maquinário foi adquirido na Alemanha, incluindo o dínamo com o qual se disponibilizava energia (iluminação) não só para a atividade industrial e a casa comercial, mas também para as residências dos trabalhadores (BAIL, 2013). O crescimento do negócio levou à instalação, em 1916, de uma segunda serraria, desta vez em Lajeado, no Paraná, depois transferida para Mafra, em Santa Catarina. Parece sugestivo sobre o desempenho que em 1918 a empresa se destacasse na exportação de caixas de frutas para a Argentina. A proximidade da estrada de ferro, que iniciou suas operações no período, revelou-se um fator decisivo por facilitar o escoamento da produção.

A morte de Willy Jung em 1919 (devido à gripe espanhola) e o desinteresse da viúva em permanecer no negócio representaram a dissolução da sociedade. Jorge Zipperer estabelece, assim, parceria com Andreas Ehrl, iniciativa que representaria alívio financeiro após os pagamentos feitos à família do falecido sócio. Uma segunda razão social surge no percurso narrado: A. Ehrl & Cia.

É nessa fase da trajetória perscrutada que tem início a produção de móveis no seio do empreendimento. Tal investida revela-se indissociavelmente vinculada ao envolvimento de outro membro da família Zipperer. Trata-se de Martin Zipperer, irmão de Jorge.

Martin teria sido treinado como marceneiro numa oficina de São Bento nos primeiros anos do novo século, e depois, na década de 1910, estudou por muitos anos no Liceu de Artes e Ofícios, em São Paulo, importante escola nesse tipo de formação, com reconhecimento nacional. O retorno de Martin para São Bento foi acontecimento decisivo, assim como, segundo parece, a frustração de Jorge na tentativa de vender para outros empreendedores locais as aparas de imbuia que sobravam da fabricação de caixas para frutas. Logo se notou que essas aparas poderiam ser aproveitadas em outra forma de utilização da madeira: na produção de móveis, especificamente em pés de cadeiras.

Assim, uma firma vista como pioneira na região em beneficiamento de madeira para fins industriais e para comercialização engajou-se na produção moveleira. Mas uma grande diferença, comparativamente ao que se fazia em marcenarias locais, deve ser ressaltada. A A. Ehrl & Cia representou a passagem de uma produção de tipo artesanal, protagonizada em manufaturas praticamente domésticas, para uma produção mecanizada, em série, ou seja, com escala muito maior.

Não por acaso, Martin Zipperer ficou conhecido como o grande designer do empreendimento que ganharia mais tarde a razão social Móveis CIMO S.A. Aliás, não parece despropositado considerar, haja vista o contexto da produção moveleira à época no país, que o irmão do fundador foi um dos pioneiros dessa profissão em todo o Brasil.

Martin concentrou-se na questão do aproveitamento das aparas de madeira e, simultaneamente, na inovação em técnicas produtivas de modo a conseguir comercializar em São Paulo sem dificuldades envolvendo, por exemplo, o encaixe de peças de cadeiras desmontadas. Santi (2000) faz referências a relatos no diário do designer sobre esse desenvolvimento técnico. Inicialmente, foram estudadas as cadeiras com peças torneadas de outra empresa (Cia. Streif), mas a técnica correspondente foi descartada porque esses móveis eram vendidos montados. A solução só veio quando Martin conheceu o processo de amarrar os pés por meio de arcos, bastante empregado na fabricação de cadeiras austríacas. Os testes efetuados resultaram na adoção, em 1921, desse tipo de procedimento na fábrica da A. Ehrl & Cia.

Assim, embora já registrasse, por exemplo, um grande lote de poltronas encaminhadas a salas de cinema (para o Cine Seleta, de Santos), a fabricação de cadeiras representou impulso particular ao empreendimento, que passou a experimentar expansão nas vendas para São Paulo e outros mercados, como o Rio de Janeiro. Cabe assinalar que, participando da Exposição do Centenário da Independência do Brasil, em 1922, a empresa teve produtos premiados com medalha de ouro. A situação parece ter encorajado iniciativas de propaganda, conforme apresentado na figura 3.

Simultaneamente à dedicação à inovação de produto, Martin Zipperer ocupou-se de problemas referentes às práticas produtivas. Seu objetivo era promover racionalização do processo de produção, na perspectiva da produção seriada, sem prejudicar a qualidade dos móveis, que deveriam exibir, além de resistência e conforto, uma estética apreciável e preços baixos. A convergência desses interesses materializou-se em diferentes modelos de cadeiras, incluindo algumas relativamente mais simples e aptas à comercialização a preços menores. A

amarração dos pés em arco vergado era uma característica comum dessas cadeiras. A figura 4 permite observar os vários modelos, dispostos em catálogo da empresa na década de 1920.

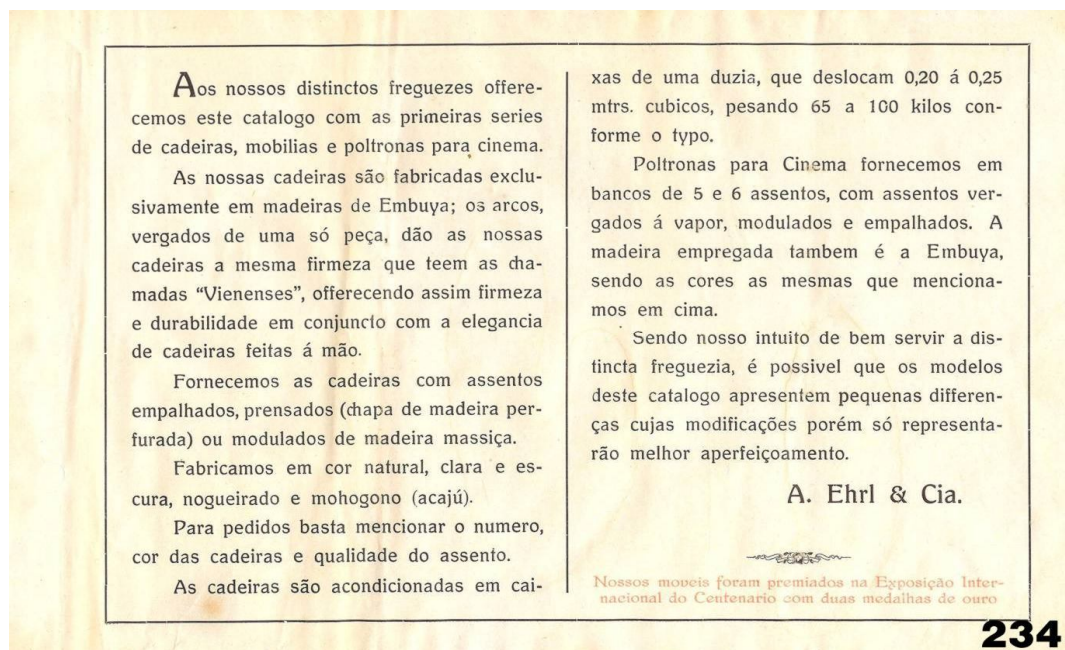


Figura 3 – Informações em catálogo da A. Ehrl & Cia. após premiação em 1922
Fonte: Klostermann (2007)



Figura 4 – Cadeiras comercializadas pela A. Ehrl & Cia.
Fonte: Klostermann (2007)

Uma descrição de dois modelos de cadeiras, o de N. 2 e o de N. 4, fornece uma ideia sobre os materiais e as técnicas utilizados na fabricação e na montagem (Quadro 1).

Quadro 1 – Características de dois tipos de cadeiras produzidas pela A. Ehrl & Cia

Cadeira N. 2	Cadeira N. 4
Construída em madeira maciça com largura apropriada, permitindo o aproveitamento das aparas de madeira e facilitando a obtenção de material em maior quantidade, pois madeiras largas são mais difíceis de serem encontradas.	O assento e o encosto são de madeira maciça moldada; o formato anatômico do assento propicia apoios laterais às pernas e o encosto curvo acomoda as omoplatas.
As fixações são feitas por parafusos, simplificando os métodos de produção e permitindo a desmontagem; não necessita colagem.	
Os pés dianteiros são simplesmente encaixados com cavilhas no assento, pois estão amarrados pelos arcos, os quais, por sua vez, são parafusados no assento.	Este modelo apresenta algumas dificuldades ligadas ao tamanho da madeira: é pouco econômico, por utilizar mais matéria prima do que a cadeira N. 2, mas o processo de montagem é mais simples.

Fonte: Elaboração própria com base em Santi (2000)

Em 1923 Jorge Zipperer contraiu tifo e precisou se afastar por longo tempo das atividades da empresa. Talvez pelo seu prestígio como administrador, e com as incertezas que tal afastamento possa ter provocado junto a credores, a imagem da empresa foi afetada no sistema bancário, provocando-lhe dificuldades financeiras. Diante das adversidades, que incidiam na administração de uma maneira geral, Andréas Ehrl optou por sair da sociedade.

Uma nova razão social adentrou, desse modo, o percurso trilhado – N. Jacob & Cia. –, resultado da sociedade com Nicolaus Jacob, outrora gerente da serraria na antiga localidade de Salto. Mas essa parceria teve duração curta. Refletindo a aceitação dos produtos no mercado e o aumento da demanda, as vendas aumentaram em 1924, atingindo mais ou menos 60 mil cadeiras e poltronas de cinema, além de resultados muito bons em caixas para frutas e madeira serrada para a construção civil terem sido registrados (HENKELS, 2013). Mas problemas de relacionamento entre o novo sócio e antigos funcionários da empresa fizeram Jorge Zipperer dissolver a sociedade já no início de 1925 (KLOSTERMANN, 2007).

3 Um período de particular vigor: Jorge Zipperer & Cia

Desde então, a condução integral das atividades passou a ser exercida no âmbito família Zipperer, exclusivamente. Tendo como sócios, além do majoritário Jorge, também

Martin e Carlos Zipperer, e igualmente dois genros, a agora Jorge Zipperer & Cia ingressou em período de notável crescimento na produção e comercialização de móveis. Certamente contribuiu para a prosperidade dos negócios o fato de, embora fosse mantida a fabricação dos produtos que já integravam o leque de oferta, terem sido introduzidas modificações nos móveis em função de aperfeiçoamentos tecnológicos e do próprio aumento da escala produtiva, assim como das exigências do mercado.

No tocante à estrutura empresarial, deve-se assinalar a suavização do imperante caráter vertical, entendido como garantia de abastecimento em madeira. De fato, os terrenos adquiridos no percurso do empreendimento possuíam cobertura florestal, representando reservas para as atividades de serraria. Com a consolidação do perfil moveleiro na década de 1920, e com a expansão produtiva nessa direção, a madeira passou a ser também obtida junto a outros produtores da região. Todavia, mesmo nesse período as atividades permaneceram escoradas em fornecimento próprio, quer dizer, na madeira serrada a partir de árvores de propriedade da empresa.

Em termos tecnológicos, a instalação de estufas artificiais para secagem da madeira propiciou redução nos estoques, com as vantagens incrustadas. De todo modo, sendo a imbuia a principal matéria prima utilizada (pelas exigências da demanda), a atividade de secar permanecia sinônimo de “rugosidade” no fluxo produtivo, pois essa madeira necessitava uma demorada secagem. No final dos anos 1920, uma grande máquina a vapor e duas caldeiras foram adquiridas para elevar a força motriz e a capacidade produtiva, na esteira da ampliação das instalações fabris. E tiveram início na empresa os estudos visando a utilização de madeira compensada na fabricação de móveis, uma novidade no Brasil (SANTI, 2000).

A dinâmica do mercado influenciou sobremaneira os investimentos em maquinaria e o desenvolvimento das técnicas produtivas. Foram úteis os contatos estabelecidos na Alemanha (Hamburgo) para atualização tecnológica e no comércio de São Paulo para acompanhamento das tendências da produção em escala nacional. Tais iniciativas revelaram-se frutíferas. Embora as cadeiras de cinema e teatro, e mesmo outros tipos de móveis, utilizassem madeiras largas e sem defeito, tais exigências não podiam mais ser atendidas só pelo uso de madeira maciça, devido à crescente indisponibilidade ou, numa fábrica em que a produção seriada tornara-se o carro chefe, pelo que requeria de processos artesanais. Daí o desenvolvimento, não sem influência das pesquisas feitas no exterior, do emprego de madeira laminada e colada, apta à fabricação de superfícies largas e à produção seriada.

Mesmo assim, o produto que permanecia líder das vendas da empresa, amplamente à frente dos demais, era a cadeira 1001 (Figura 5). Tratava-se de cadeira fabricada “[...] em

imbuia e [...] com um antigo método austríaco de curvar a madeira (vapor) [...]” (GAZANIGA, 2013, s/n), um móvel registrado como o “[...] mais importante da empresa, pois marcou a transição entre a produção artesanal e [...] [a] produção seriada.” (idem.). Chegando a atingir mensalmente 30 mil unidades, a fabricação da cadeira 1001 implicava poucos trabalhadores, a relação entre escala e contingente envolvido refletindo os esforços de desenvolvimento tanto do processo produtivo, voltados à produção em série, quanto do próprio produto (SANTI, 2000). A estrada de ferro e, desde o porto de São Francisco, a navegação de cabotagem – efetuada principalmente pela Empresa Nacional de Navegação Hoepcke, de Florianópolis – eram os meios para o transporte dos produtos.



Figura 5 – Cadeira 1001: carro chefe das vendas da Jorge Zipperer & Cia.

Fonte: Gazaniga (2013)

O acelerado crescimento nas vendas de móveis, marcante nas operações da Jorge Zipperer & Cia., teve nas encomendas da administração pública um importante fator. Pesquisas realizadas no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina permitiram encontrar documentos sobre negócios da empresa com o Governo de Santa Catarina². Um deles, de 1932, determina ao então Secretário da Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura o pagamento a Jorge Zipperer & Cia quantia referente aos móveis encaminhados às escolas de Campo Alegre e Valões (Figura 6a). Outro documento refere-se a proposta de fornecimento, por parte de Jorge Zipperer & Cia, de mobiliário diverso a ser comprado pela administração estadual para grupos escolares em Mafra, Porto União e Canoinhas (Figura 6b).

² Essas pesquisas ocorreram no âmbito do Projeto de Pesquisa “Objetos da Escola: Cultura Material da Escola Graduada (1874-1950) – 2ª edição (CNPq/FAPESC/UDESC)”, coordenado pela Professora Dr.^a Vera Lucia Gaspar da Silva, da UDESC. Tal projeto se vincula à pesquisa nacional “História da Escola Primária no Brasil: investigação em perspectiva comparada em âmbito nacional (1930 – 1961)”, dirigida pela Professora Dr.^a Rosa Fátima de Souza.

Sr. Secretário:

Para cumprimento do despacho dado ao requerimento
junto, peço a V. Excia. providencias no sentido de ser paga aos
srs. Jorge Zipperer & Cia., a importancia de doze contos trezentos
e setenta e nove mil réis (12:379:000), relativa aos moveis forne-
cidos aos Grupos Escolares de Campo Alegre e Valões, conforme em-
penho n. 20, de 22 do corrente.

Essa despesa correrá por conta da verba consignada
no paragrapho 9, artigo 2.º do orçamento em vigor - Despesa Va-
riavel - Expediente, aquisição de mobiliario, utensilios, etc.

Tenho a honra de apresentar a V. Excia. os protes-
tos de minha distinta consideração.

Figura 6a – Indicação de pagamento de móveis pelo governo catarinense a Jorge Zipperer & Cia – 1932

[illegible]

Figura 6b – Proposta da Jorge Zipperer & Cia para fornecimento de móveis ao governo catarinense – 1932

Fonte: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Ofícios para o Departamento de Instrução Pública – julho de 1932

Uma ideia sobre a vitalidade dos negócios da empresa nesse período é propiciada pela imagem e pelas informações contidas na figura 7. Integrante do catálogo da Jorge Zipperer & Cia., o “documento” – no sentido de Foucault (2007), conforme assinalado na introdução, uma indicação que vale para todas as imagens apresentadas neste artigo – permite observar as instalações fabris no planalto norte catarinense e informa sobre as representações que a empresa possuía em diversas capitais estaduais, nas regiões sul, sudeste e nordeste. Constatam igualmente alusões aos prêmios recebidos em diferentes momentos da sua trajetória.



INDUSTRIAS REUNIDAS DE MADEIRAS

JORGE ZIPPERER & CIA.
 ESTAÇÃO RIO NEGRINHO - Est. de Santa Catharina
 BRASIL -- -- ENDEREÇO TELEGRAPHICO: „IRM“

**Fabrica de Cadeiras, Poltronas para theatros, cinemas, templos, etc.
 Moveis escolares e para escriptorios -- Serrarias e fabricação de
 caixas -- Folhas de imbuya, cedro e pinho -- Madeiras compensadas**

REPRESENTAÇÕES:

Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Florianopolis, Porto
 Alegre, Belo Horizonte, Bahia, Aracaju, Recife e Fortaleza

Diploma 1.a Classe - SÃO BENTO 1923
 Medalha de ouro - RIO DE JANEIRO . 1922/23
 Medalha de ouro - SÃO PAULO 1928
 Medalha de ouro - SEVILLA 1929
 Medalha de ouro - SÃO JOSÉ 1930

198

Figura 7 – Instrumento de divulgação da Jorge Zipperer & Cia

Fonte: Klostermann (2007)

Em 1932 ocorreu mais uma mudança de razão social. Agora sob a forma de Sociedade Anônima, a empresa passou a chamar-se Cia. Zipperer – Móveis Rio Negrinho S/A. Embora não sejam claras as razões dessa modificação, pois nada se encontrou de registros sobre o assunto, pode-se conjecturar que tal movimento tem a ver com a transferência de comando para Martin Zipperer, o irmão de Jorge que liderara transformações fundamentais em matéria de produção e design no percurso do empreendimento, como já assinalado.

4 Salto de notoriedade: Móveis CIMO S/A

O forte crescimento das encomendas na década de 1930 representou expansão dos negócios da empresa, refletindo intensificação de prestígio em nível nacional, sobretudo nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, principais praças de comércio do país. Nesse contexto, um importante e amplo quadro de representações comerciais tomou forma. Em 1939, por exemplo, oito integrantes compunham elenco assim desdobrado em diferentes estados e regiões: P. Kastrupp & Cia, no Rio de Janeiro; P. Kastrupp & Cia. (filial), em São Paulo; H. Soncini, em Florianópolis; Raymundo Egg & Cia., em Curitiba; Emílio Rossmark, em Blumenau; Theo Moertel & Cia., em Joinville; Castro, Lima & Cia., na Bahia (Salvador); J. Leite Bastos, no Recife (HENKELS, 2013).

Mas o falecimento de Jorge Zipperer no início de 1944 precipitou uma importante mudança. Decidiu-se formar um conglomerado envolvendo empresas pertencentes ao corpo de representantes da Cia. Zipperer – Móveis Rio Negrinho S/A ou a eles vinculadas. Incluindo a empresa principal, sete unidades empresariais formaram a Cia. Industrial de Móveis S.A., cujas iniciais compunham a palavra CIMO, denominação que passou a ser amplamente utilizada.

Ampliar a competitividade e facilitar a compra de ferramentas, vernizes e outros materiais importados da Europa figuraram entre os vetores da conglomeração, a logomarca da qual rapidamente se tornou bastante conhecida (Figura 8). Já a partir do ano seguinte, essa estrutura, que registrava mais de cinco mil empregos diretos em todas as suas atividades, contou com as instalações um amplo edifício construído na área central de Rio Negrinho, naquele momento ainda um distrito de São Bento do Sul.



Figura 8 – Logomarca da Companhia Indústria de Móveis S.A.
Fonte: Bail (2013)

Em 1954 ocorreu mais uma mudança na razão social, passando a empresa a denominar-se Móveis CIMO S/A, simplesmente. Tornada fabricante de móveis com destaque em nível de América Latina, a empresa apresentava administração descentralizada nessa fase. Essa característica refletia a localização das várias fábricas, situadas em Rio Negrinho, Curitiba, Joinville e no Rio de Janeiro. Catálogo da Móveis CIMO S/A naquele período estampa as principais fábricas integrantes da rede, localizadas em Rio Negrinho, Joinville e Curitiba. A unidade de Rio Negrinho, localidade que obtivera a condição de município em 1953, é apontada no documento como a maior fabricante de poltronas para cinemas da América do Sul (Figura 9).

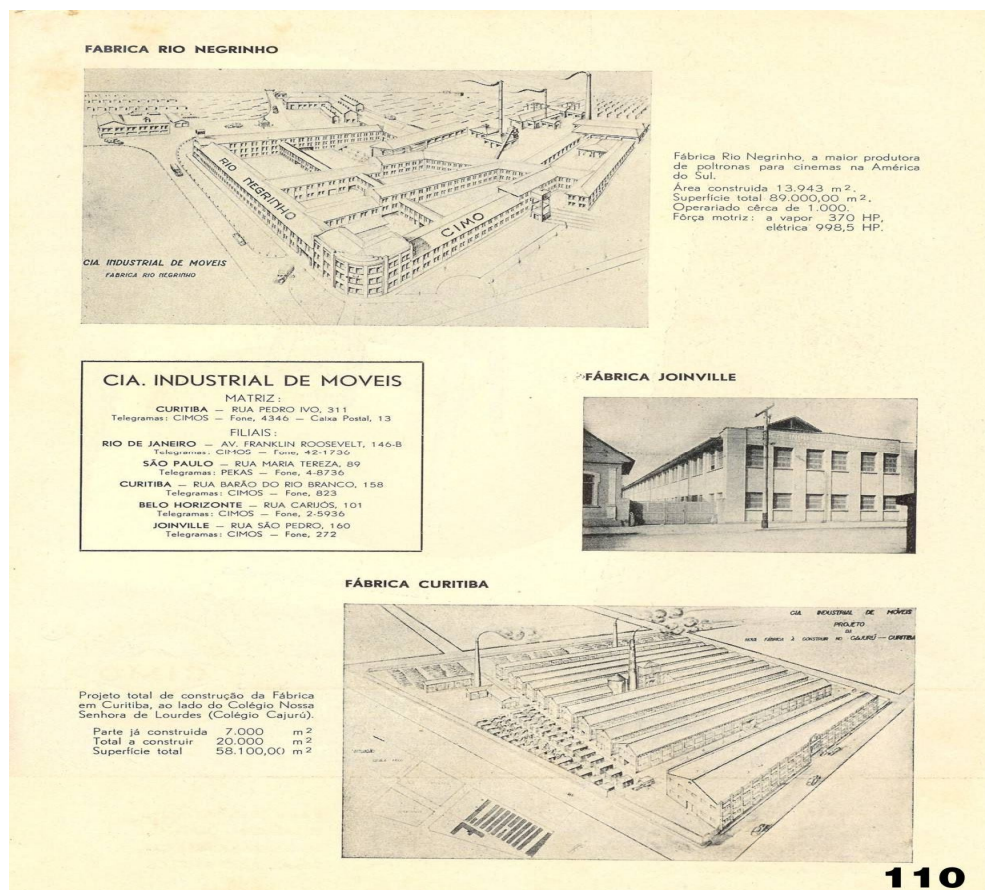


Figura 9 – Fábricas da Móveis CIMO nos anos 1950

Fonte: Klostermann (2007)

Nesse período a matriz da empresa encontrava-se instalada em Curitiba, embora até o final da década de 1940 a sede nacional da Cia. Industrial de Móveis S.A. estivesse localizada no Rio de Janeiro, com representantes em vários lugares do Brasil e também no exterior. Naquela fase, o controle decisório esteve concentrado na empresa Kastrupp, de grande

prestígio comercial em todo o país. A sede foi transferida para Curitiba quando essa empresa se afastou da sociedade.

Deve-se assinalar que a estrutura em rede, notadamente quanto aos participantes do Rio de Janeiro e de Curitiba, representou importante suporte financeiro e comercial. Tal base favoreceu o desenvolvimento de uma linha de móveis para escritório denominada Linha DASP (Departamento de Administração do Serviço Público), talvez a primeira grande padronização de móveis digna desse nome no país (OGAMA, 2007). Merece, todavia, destaque especial que os móveis escolares fabricados pela empresa tenham marcado presença duravelmente em numerosas instituições de ensino do Brasil, incluindo universidades estaduais e federais. Tal aspecto apresenta-se ombreado à condição, alcançada pela Móveis CIMO, de maior produtora brasileira de cadeiras para cinema, teatro e auditórios.

Cabe também realçar a estratégia de especialização de cada unidade fabril em linhas de produção específicas, numa verdadeira divisão espacial do trabalho no seio da estrutura empresarial. Representando movimento de racionalização produtiva, tal estratégia resultou, por exemplo, na especialização da unidade de Rio Negrinho em móveis para escritório e em (pequena) produção de estofados, diferentemente do que se observou em Curitiba, onde as instalações voltaram-se à fabricação de móveis para dormitórios e salas de jantar.

Sentido estratégico foi observado, da mesma forma, nas providências dizendo respeito aos equipamentos e ao maquinário. Possuindo um setor de máquinas dedicado à manutenção e também à criação de modelos mais adequados às suas necessidades, a empresa exibia importantes atividades em desenvolvimento de tecnologia, já que a importação de maquinário (oriundo principalmente da Europa) era bastante onerosa. Ilustração de desenvolvimento tecnológico próprio refere-se a uma máquina de chapeamento de bordas, particularmente útil no contexto de expansão do mercado, tributária de maior facilidade e agilidade do processo de fabricação. Do mesmo modo, vale mencionar o pioneirismo na aplicação à pistola de verniz a base de nitro-celulose (OGAMA, 2007).

Num comentário de cunho abrangente, mas que remete ao tipo de questão focalizada acima, Heyse (2009) assinala que os produtos da empresa sobressaíram devido à “[...] introdução da tecnologia da laminação da madeira e o uso de um padrão de design como diferenciais competitivos, que além de diferenciá-los de seus concorrentes foram também práticas seguidas por muitas outras empresas que surgiram na região.” (p. 95).

Essa influência reverberou muito além do planalto norte. Representando etapa culminante de uma trajetória de décadas, como se destacou, a Móveis CIMO acabou por figurar como um dos mais importantes e representativos fabricantes de móveis em série do

país como um todo. Arruda (2009) não economiza palavras ao falar do significado histórico da empresa: o empreendimento em foco, especialmente na etapa da Móveis CIMO S/A, constitui indubitavelmente “[...] um dos marcos mais expressivos entre a herança artesanal e o início da fabricação seriada no Brasil.” (p. 28).

Na região, a história do empreendimento mostra-se irrevogavelmente entrelaçada com a do município de Rio Negrinho, representando um fator aparentemente determinante da criação deste. As atividades que gravitavam em torno da Móveis CIMO contribuíram fortemente para que a área, antes exibindo a condição de distrito de São Bento do Sul, se transformasse em município com a Lei Estadual nº 133, de 30 de dezembro de 1953. Indicações estampadas na página da Prefeitura de Rio Negrinho na internet são bastante sugestivas a respeito disso. Lê-se que, em termos históricos, o desenvolvimento do município “[...] está fortemente atrelado aos primeiros núcleos de imigrantes [...], que foram se instalando ao longo da estrada Dona Francisca e, posteriormente, com a construção da estrada de ferro, o núcleo urbano foi se formando em torno da ex fábrica de Móveis CIMO” (PREFEITURA..., s/d, s/p).

Não é sem significado que Rio Negrinho tenha adotado a data de nascimento de Jorge Zipperer para comemorar o aniversário municipal e tampouco que sua residência tenha sido transformada em museu, o Museu Carlos Lampe. É igualmente significativo que um cartão de Natal produzido na cidade, na década de 1940, ostentasse a imagem da empresa com destaque (Figura 10). Esse cartão talvez se constitua no mais eloquente “documento” *foucaultiano* sobre as relações umbilicais entre a história da empresa e a história do município, e mesmo a do planalto norte catarinense.



Figura 10 – Cartão de Natal do Município de Rio Negrinho – década de 1940
 Fonte: Bail (2013)

O papel do empreendimento como indutor do processo de constituição de um setor moveleiro na região envolveu movimentos de tipo *spillover*, pois ex funcionários instalaram-se como fabricantes, aproveitando o conhecimento e a experiência adquiridos. Mas a influência deu-se de muitas maneiras. O próprio efeito demonstração foi importante, tanto quanto a solidificação de uma “cultura moveleira” sedimentada em décadas de atuação e interações no planalto norte catarinense. É, portanto, adequado considerar, como procede Santi (2000), que a Móveis CIMO “[...] lançou bases para outras empresas hoje consideradas de ponta no setor, como é o caso da Rudinik, fábrica de móveis de grande porte, localizada em São Bento do Sul [...].” (p. 18).

O percurso do empreendimento que angariou particular notoriedade com a *brand* Móveis CIMO representou “criação” de espaço, quer dizer, de estrutura espacial concreta ou de espaço socioeconômico. O espaço, assinala-se, é sempre produto de relações sociais – Massey (2008) o reconhece como um resultado “[...] de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno.” (p. 29) – e, ao mesmo tempo, é sempre algo já existente, apresentando-se como “[...] uma *restrição objetiva* que se impõe ao desdobramento dessas relações sociais.” (LIPIETZ, 1983, p. 22, grifo do autor).

Ter sido determinante para a constituição de um ente federado – o município de Rio Negrinho – é o aspecto talvez mais tangível da condição de “criadora de espaço” ostentada pela Móveis CIMO. O planalto norte como “região moveleira”, uma configuração que, segundo as indicações, foi amplamente caudatária da trajetória narrada neste estudo,

representa uma tradução mais geral do referido papel criador. O mesmo vale para o grande arco de relações envolvendo outras cidades de Santa Catarina e do Brasil, e também vínculos comerciais no exterior: vinculou-se a isto a “organização” de um grande espaço (um território, haja vista a presença, por exemplo, de relações de coordenação), de geometria variável e crivado de fluxos e impulsos, tendo como centro de gravidade a Móveis CIMO. Esse espaço, que é ao mesmo tempo território, é produto de interações protagonizadas em diferentes escalas, o que remete à formulação de Massey (2008) referida anteriormente.

Modelado e remodelado em percurso pouco menos que secular, o “espaço moveleiro” no planalto norte catarinense representou herança que ajudou a plasmar dinâmica produtiva e territorial atribuidora, nas últimas décadas, de grande visibilidade a São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre relativamente às exportações de móveis. Os traços contemporâneos desse aglomerado exprimem processos ocorridos em sucessivos *rounds* de (re)estruturação e espacialização da produção moveleira regional.

O sentido de dialética socioespacial, pelo qual o espaço é simultaneamente produto de relações sociais e um determinante destas, encontra-se, portanto, impregnado na senda trilhada pelo “planalto norte moveleiro”, como ocorre em quaisquer realidades socioeconômicas e circunstâncias. Tendo em vista que “[...] a sociedade [continuamente] recria seu espaço sobre a base de um espaço concreto, sempre já dado, herdado do passado.” (LIPIETZ, 1983, p. 22), aquele aspecto sequer precisaria ser realçado. Mesmo assim, cabe assinalar que tal questão indica a pertinência da frase de Fernand Braudel escolhida para epígrafe deste artigo: “Presente e passado iluminam-se com luz recíproca.” (BRAUDEL, 1992a, p. 57).

Epílogo

Em que pese a trajetória percorrida e o reconhecimento logrado, inclusive em escala nacional, o empreendimento sobre o qual se procurou lançar um olhar histórico e analítico neste artigo não alcançou o final do século XX: em 1982 ocorreu a decretação de falência da Móveis CIMO S/A. Há diferentes versões sobre o assunto, no tocante às causas desse melancólico desfecho.

Uma das explicações ressalta o afastamento de Martin Zipperer do comando da empresa. Participante ativo nas decisões no período da Jorge Zipperer & Cia., Martin tornou-se Diretor Superintendente após a conglomeração que, em meados dos anos 1940, resultou na Móveis CIMO S/A, mas perdeu espaço progressivamente por conta de atritos com outros

diretores (HENKELS, 2013). O deslocamento do poder decisório para Curitiba, com ampliação do papel exercido pelos membros paranaenses da rede formada, em especial Raymundo Egg, teria contribuído para esse enfraquecimento.

Entretanto, influenciou de alguma maneira o afastamento do irmão o próprio processo de sucessão na empresa, após a morte de Jorge Zipperer, por conta dos aparentes atritos entre os herdeiros. Junto a distintos observadores na região, a entrada em situação falimentar, anos depois, contribuiu para fortalecer o entendimento de que era muito grande a importância de Martin Zipperer para a empresa.

Também argumentos sobre problemas de atualização organizacional e produtiva foram utilizados na tentativa de explicar a situação amargada. A instalação no país de grandes fabricantes de painéis de fibra de madeira aglomerada, desde o final dos anos 1960, representou mudança no eixo da produção de móveis e aprofundamento da concorrência no setor. Henkels (2013) indica que, apesar dos avanços no uso de novos materiais e na desverticalização produtiva, a Móveis CIMO nunca deixou de lado, efetivamente, a utilização de madeira maciça como matéria prima essencial e o abastecimento interno à própria estrutura empresarial. Ora, o uso generalizado de fibra de madeira aglomerada pelas novas grandes empresas recém-instaladas no país outorgava a estas ganhos de competitividade devido às possibilidades de custos menores.

A diminuição dos lucros, fundamentalmente ligada, nessa linha de interpretação, ao não acompanhamento de maneira correta da variante tecnológica e produtiva que ganhara terreno no mercado, teria feito a empresa sofrer graves crises financeiras e administrativas já em 1970. Para piorar, dois incêndios produziram resultados catastróficos: um em 1971, quando a unidade fabril de Joinvile foi destruída; outro em 1972, atingindo a fábrica de Rio Negrinho. A reconstrução, projetada com instalações fabris modernas, foi encaminhada com base em recursos disponibilizados pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE).

Todavia, a crise financeira da empresa se agravou. Isso provocou, em 1976, a convocação pelo BRDE de uma assembleia de acionistas, ocorrendo a destituição da diretoria e a nomeação de uma nova. Ao mesmo tempo foi aberto o pedido de concordata preventiva (HENKELS, 2013).

A discordância em relação à intervenção do BRDE fez Raymundo Egg – o diretor gerente – e os herdeiros da família Zipperer venderem seus ativos no final da década de 1970. Os compradores foram Eduardo e Felipe Lutfalla, do Grupo Lutfalla, de São Paulo. A compra de grande parte das ações (62%) resultou no controle da Móveis CIMO por esse grupo, o

qual, entretanto, diferentemente do que se esperava, não demonstrou interesse na recuperação da empresa. A aquisição foi motivada, segundo as evidências, muito mais pela perspectiva de ganhos com a posterior alienação das diferentes partes da Móveis CIMO.

Daí que, ao cabo de uma dramática espiral de acontecimentos, foi decretada a falência da empresa em fevereiro de 1982. É difícil não considerar que, com esse movimento, encerrou-se uma era na indústria moveleira do planalto norte de Santa Catarina e, por que não reconhecer, também do Brasil.

Referências

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios para o Departamento de Instrução Pública**. Jul. 1932.

ARRUDA, G. L. R. C. de. **O Design na indústria moveleira brasileira e seus aspectos sustentáveis: estudo de caso no polo moveleiro de Arapongas – PR**. Bauru, 2009. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Estadual Paulista.

BAIL, O. **Blog Rio Negrinho no Passado**. Disponível em: <http://blogdoosmairbail.blogspot.com.br> Acesso em: 10 jun. 2013.

BARROS, J. D. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, v. 10, n. 1, p. 95-129, 2005.

BRAUDEL, F. História e ciências sociais. A longa história. In: **Escritos sobre a história**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992a, p. 41-78.

BRAUDEL, F. Unidade e diversidade das ciências do homem. In: **Escritos sobre a história**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992b p. 79-89.

BRAUDEL, F. Posições da história em 1950. In: **Escritos sobre a história**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992c, p. 17-38.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo – séculos XV-XVIII**. V. 1 – As estruturas do cotidiano: o possível e o impossível. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo – séculos XV-XVIII**. V. 2 – Os jogos das trocas. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo – séculos XV-XVIII**. V. 3 – O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

COMERLATTO, L. M.; LINS, H. N. Produção moveleira em São Bento do Sul (SC): a perspectiva das cadeias mercantis globais. **Ensaios FEE**, v. 29, n. 2, p. 503-530, 2008.

DENK, A. **Dinâmica competitiva do cluster moveleiro da região de São Bento do Sul – SC**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal de Santa Catarina.

EMOBILE. **Dados Gerais do setor moveleiro brasileiro**. Disponível em: <http://www.emobile.com.br/dados-do-setor-moveleiro/dados-gerais.html> Acesso em: 25 maio 2013.

FERREIRA, M. J. B.; GORAYEB, D. S.; ARAÚJO, R. D. de; MELLO, C. H.; BOEIRA, J. L. F. **Relatório de Acompanhamento Setorial - Indústria Moveleira**. V. 1. Campinas: Unicamp/NEIT; ABDI, jun., 2008. Disponível em: http://www.funcex.org.br/material/redemercosul_bibliografia/biblioteca/ESTUDOS_BRASIL/BRA_177.pdf Acesso em: 22 jun. 2013.

FICKER, C. **São Bento do Sul: subsídios para a sua história**. Joinville: Imprensa Ipiranga S.A., 1973.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GAZANIGA, M. A. **Reedição cadeira 1001 – Móveis CIMO S/A**. Disponível em: <http://mariaalicegazaniga.blogspot.com.br/2011/07/reedicao-cadeira-1001-moveis-cimo-sa.html> Acesso em: 20 jun. 2013.

GORINI, A. P. F. **A Indústria de móveis no Brasil**. Curitiba: Alternativa Editorial, 2000.

HENKELS, H. **Móveis Cimo – sua História**. Disponível em: https://sites.google.com/site/hhenkels/hist%C3%B3ria_sbs/mov_cimo1 Acesso em: 19 maio 2013.

HEYSE, C. L. **O desenvolvimento do setor moveleiro no padrão de design e na identidade socioeconômica e cultural na região do Alto Vale do Rio Negro**. Canoinhas, 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade do Contestado.

KAESEMODEL, M. S. **A indústria moveleira em São Bento do Sul – SC**. Florianópolis, 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina.

KLOSTERMANN, L. A. **Banco de Imagens de Catálogos da Móveis CIMO S/A**. Curitiba, 2007. Monografia (Especialização em Design de Interiores) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

LANZER, E.; CASAROTTO FILHO, N.; CUNHA, C. **Análise da competitividade sistêmica do setor de móveis em Santa Catarina**. Florianópolis: BRDE, 1998.

LIPIETZ, A. **Le capital et son espace**. 2ª ed. Paris: La Découverte/Maspero, 1983.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MEYER, M. **Os determinantes microeconômicos das exportações do polo moveleiro de Santa Catarina**. Florianópolis, 2004. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal de Santa Catarina.

OGAMA, M. S. **Móveis Cimo e a industrialização do mobiliário no Brasil – parte 1**, 2007. Disponível em: http://www.totalmoveis.com.br/nw_show_news.asp?idnot=0889&ided=060 Acesso em: 19 mai. 2013.

PREFEITURA de Rio Negrinho. **A cidade: história**. Disponível em: <http://www.rionegrinho.sc.gov.br/?pagina=historia&p=5> Acesso em: 24 nov. 2013.

SANTI, M. A. **Contribuições aos estudos sobre as origens da produção seriada do mobiliário no Brasil, a experiência Móveis Cimo S/A**. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade de São Paulo.

SEABRA, F.; PAULA, D. de; FORMAGGI, L. **Arranjo Produtivo de Móveis da Região de São Bento do Sul**. In: CARIO, S. A. F.; PANCERI, R.; FLAUSINO, E. S.; BITTENCOURT,

M.; MONTIBELLER FILHO, G.; CAVALCANTI, P. R. **Economia de Santa Catarina: inserção industrial e dinâmica competitiva**. Blumenau: Nova Letra, 2008, p. 268-296.

WALLERSTEIN, I. **El moderno sistema mundial**. I. La agricultura capitalista y los orígenes de la economía-mundo europea em el siglo XVI. México, D.F.: Siglo Vientiuno, 1979.

WALLERSTEIN, I. **El moderno sistema mundial**. II. El mercantilismo y la consolidación de la economía-mundo europea: 1600-1750. México, D.F.: Siglo Vientiuno, 1984.

WALLERSTEIN, I. **El moderno sistema mundial**. III. La segunda era de gran expansión de la economía-mundo capitalista, 1730-1850. México, D.F.: Siglo Vientiuno, 1998.